

UM ESTUDO SEMIÓTICO DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS NARRATIVAS DO REINADO NA REGIÃO CENTRO- OESTE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

A SEMIOTIC STUDY OF THE CONSTRUCTION OF MEANING IN THE NARRATIVES OF “REINADO” FROM WEST CENTRAL OF THE STATE OF MINAS GERAIS

*Elisson MORATO**

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo sobre a construção de sentido nas narrativas de Reinado, uma celebração religiosa comum no estado de Minas Gerais, com base na semiótica francesa. Analisamos duas narrativas que descrevem o processo de abolição da escravatura, notando que os textos apresentam uma passagem dos escravos de um estado de opressão para a liberdade, uma mudança que envolve questões políticas e religiosas.

Abstract: This paper presents a study about the construction of meaning in narratives of Reinado, a common religious celebration in the state of Minas Gerais, based on French semiotics. We analyze two narratives that describe the process of abolition of slavery, noting that the texts present a passage of the slaves from a state oppression for the freedom, a change that involves religious and political reasons.

Palavras-chave: significação, narrativa, semiótica.

Keywords: meaning, narrative, semiotics.

O presente trabalho tem o objetivo de investigar, através do instrumental teórico da semiótica de linha francesa, a construção de sentidos em narrativas do Reinado oriundas da região centro-oeste, no interior de Minas Gerais. Para tanto selecionamos dois textos nos quais é descrito o processo de abolição da escravatura. Nesses textos, podemos observar uma mudança de estado na qual os cativos passam da opressão para a liberdade através da mescla de motivos políticos e religiosos. Essa maneira de representar a abolição faz parte da tradição dos grupos de Reinado que, assim, mantém sua identidade cultural e social.

A semiótica textual, escolhida como ferramenta teórica para esta abordagem, é uma teoria da significação que apresenta como

* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Minas Gerais, Brasil. Professor do CEFET-MG. Contato: elissonmorato@yahoo.com.br.

distintivo a aplicabilidade e larga utilização em textos narrativos. Uma vez apresentados os objetivos deste trabalho e antecipado o tipo de *corpus* com que trabalharemos, passamos à apresentação dos postulados teóricos que nos servirão de ferramenta para compreender os textos selecionados. Em seguida apresentamos as narrativas eleitas procedendo na análise das mesmas.

O Reinado, manifestação folclórica de cunho religioso também conhecido como o Congado é um festejo religioso em louvor a Nossa Senhora do Rosário, tradicionalmente tida como padroeira dos escravos trazidos da África para o trabalho na Colônia. Nesses festejos são também reverenciados São Benedito, Santa Efigênia, ambos negros, e Nossa Senhora das Mercês. O festejo geralmente ocorre em outubro, mês dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Entretanto, no centro-oeste mineiro esses festejos se concentram nos meses de agosto e setembro. Em Minas Gerais, o Reinado é encontrado principalmente na região centro-sul e centro-oeste desse estado. Mas o Reinado também se encontra presente no triângulo mineiro e no sudeste do estado de Goiás.

Os grupos de Reinado geralmente são chamados de “ternos”. Estes apresentam diferenças significativas tanto na musicalidade quanto nos trajes e nos adereços usados. O que os diferentes ternos de reinado têm em comum em sua musicalidade é a onipresença de instrumentos de percussão, como caixas, tambores e chocalhos. Embora não seja correto afirmar que há ternos considerados mais importantes dentro desses festejos, a tradição afirma que o terno de moçambique teria sido o escolhido por Nossa Senhora do Rosário quando esta apareceu pela primeira vez para os negros cativos. Por essa razão, é comum nos cortejos de Reinado, vermos grupos de moçambique escoltando o andor em que é conduzida a imagem da Virgem do Rosário.

O moçambique é um grupo que possui características bastante distintas, o que torna relativamente fácil sua identificação durante os festejos. Seus componentes usam trajes de cores claras, geralmente branco. Cobrem a cabeça com um lenço e ocasionalmente usam uma espécie de saia sobre as calças (figura 1). Nos tornozelos os condutores do grupo prendem um chocalho que lembra os guizos usados por escravos para prevenir fugas (figura 2). Outros acessórios como rosários e patuás completam a figuração do grupo.



Figura 1- Cortejo de Moçambique na festa de Reinado em Divinópolis-MG



Figura 2- Reinadeiro com guizos no tornozelo

Os ternos de moçambique entoam cantigas em coro com solo dos chamados “capitães”, os condutores do grupo no cortejo, que rememoram o sofrimento da época da escravidão ao mesmo tempo em que aludem sobre a fé em Nossa Senhora do Rosário e sobre o processo de libertação dos cativos. O ritmo dessas cantigas varia conforme a ocasião em que se esteja no evento, mas é perceptível uma entonação lamentosa, o chamado “canto chorado” que representa um resquício das lembranças do cativo.

Algumas das composições dos ternos de moçambique residentes na região centro-oeste de Minas apresentam relatos significativos sobre o processo de libertação dos escravos. Dizemos significativos porque, além de manter uma espécie de memória oral coletiva, essas cantigas reforçam um traço identitário partilhado pelas comunidades de reinadeiros. Esse traço consiste na explicação religiosa que permeia o ato político da princesa Isabel em abolir a escravidão. Em cantigas com temática mencionada, o universo religioso do catolicismo afro-brasileiro divide espaço com a memória de fatos históricos oficiais criando narrativas, diríamos, mistas, em que história e mitologia se entremeiam.

As cantigas presentes nas manifestações do Reinado do Rosário não têm uma autoria definida e formam uma espécie de patrimônio coletivo que partilhado por diferentes grupos de reinados. Ao serem indagados sobre a origem dessas cantigas, a maioria dos informantes responde que aprendeu com os mais velhos ou com membros mais experientes do terno. Os membros mais importantes do cortejo, por sua vez, respondem que cantam de improviso, como se alguma entidade ditasse os versos durante a ocasião das festividades. Para a realização de uma abordagem semiótica, por sua vez, é fundamental atentarmos para o texto, que nos oferece todos os elementos de que precisamos para compreender seu significado.

Há muitas teorias que se debruçam sobre o fenômeno da significação e dos modos como ela é construída. No caso deste trabalho, lidamos com a semiótica de linha francesa, ou *greimasiana*, elaborada por Algirdas Julien Greimas. Essa teoria apresenta alguns postulados básicos que nos permitem desde já distinguir seu modo de utilização do de outras teorias. Para a semiótica, todo texto se organiza em uma estrutura narrativa. Essa estrutura narrativa é dividida em três níveis. Em cada um desses níveis há uma espécie de complexificação da narrativa, complexificação que, em cada nível do texto, pode ser entendida como parte de um percurso. Assim, um texto, em sua estrutura narrativa, parte de um nível abstrato e se dirige para outro(s) mais concreto(s) e, podemos dizer, legível.

Ao alegar que todo texto se organiza em uma estrutura narrativa, a semiótica entende que essa estrutura se constrói não necessariamente graças a uma sequência cronológica de fatos, mas a uma mudança de estado sofrida pelos actantes do texto. Nesse caso,

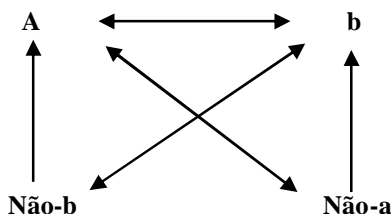
“actante”, aquele que sofre ou executa a ação presente na narrativa, corresponde ao termo “personagem”. Os enunciados seguintes, por exemplo, são narrativas, na perspectiva da semiótica, porque os actantes, ou seja, aqueles que atuam, que cometem ou sofrem atos, sofrem uma mudança de estado. Podemos ilustrar essa concepção básica de narrativa com dois enunciados bastante elementares, conforme apresentados a seguir. Vejamos:

A princesa Isabel libertou os escravos.

Muitos escravos morriam na viagem entre a África e o Brasil.

A pequena extensão desses textos não impede que eles sejam tomados como exemplos de sequências narrativas. Nesse caso, não é o tamanho do texto que determina seu caráter narrativo, mas a presença de determinadas estruturas internas de significação. No primeiro enunciado, notamos que os escravos passam do cativo para a liberdade, ou seja, passam do estado de *opressão* para o estado de *liberdade*. No segundo enunciado, os escravos passam do estado de *vida* para o estado de *morte*. A partir desses pequenos textos, podemos constatar que uma narrativa pode ser dada tanto por uma única frase, quanto por um texto longo e complexo. Essa mudança de estado, também chamada de “transformação narrativa” é o que caracteriza o texto em seu nível mais profundo, o nível fundamental.

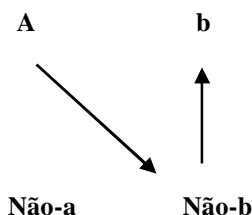
No nível fundamental do texto, encontramos conceitos organizados em uma oposição do tipo *a versus b*. Esses conceitos têm o aspecto de palavras antônimas que, embora contrárias, se pressupõem mutuamente, como *morte vs vida*, *liberdade vs opressão*. Por sua vez, esses pares de termos, mais do que palavras antônimas, são conceitos fundamentais presentes na cultura e capazes de se manifestar em um número incalculável de textos. Ainda no nível fundamental, essas oposições se organizam no/pelo chamado quadrado semiótico (Greimas; Courtés, 1979, p 29-30), que é a representação dos conceitos fundamentais que orientam a transformação narrativa ou mudança de estado ocorrida no texto. O quadrado semiótico é apresentado da seguinte maneira:



Lembramos que A e B são termos hipotéticos, são apenas um molde que deverá ser preenchido conforme o conteúdo da narrativa que encontrarmos no texto. Por sua vez, a disposição desses termos no quadrado semiótico segue uma ordem que nos mostra como ocorre a transformação narrativa sofrida ou executada pelo(s) actante(s), do texto: ao negar um dos termos, temos a afirmação, de outro, estabelecendo uma percursividade, uma espécie de continuidade da significação. Nesse caso, por exemplo, se negarmos o termo “A” temos, por outro lado, a afirmação dos termos “não-A” e “B”. O quadrado semiótico “constitui, assim, no nível profundo, a forma primeira das estruturas que, num nível mais superficial, se desdobrarão em arquitetura narrativa” (BERTRAND, 2003, p. 179).

Nessa perspectiva, o quadrado semiótico é uma espécie de espinha dorsal da narrativa, já que ela será preenchida com os elementos dados pelo texto. Sobre essa estrutura básica, por seu turno, outras estruturas, presentes nos níveis seguintes do texto serão colocadas, com seus respectivos preenchimentos. Desse modo, podemos notar que uma narrativa não é dada apenas por uma estrutura, um conjunto de elementos que se relacionam entre si. Essas estruturas devem ser recobertas por conceitos ou dados que estejam presentes no texto analisado.

A passagem de um termo ao outro, por seu turno, é gradual, importando dizer, nesse caso, que um estado representado por “B”, por exemplo, é precedido, antes de tudo, por um estado “não-A”. Dessa maneira, percebemos no texto, uma mudança de estado dos actantes dentro de conceitos elementares que podem seguir um percurso do tipo $a \rightarrow \text{não-a} \rightarrow b$ ou $b \rightarrow \text{não-b} \rightarrow a$, conforme mostrado a seguir:



Os termos do quadrado semiótico, por sua vez, são revestidos de certos valores culturalmente instituídos. Voltemos ao exemplo das duas frases dadas anteriormente:

A princesa Isabel libertou os escravos.

Muitos escravos morriam na viagem entre a África e o Brasil.

Em nosso contexto cultural, a *liberdade* ou a *vida* são algo positivo. Logo, é comum encontrarmos narrativas em que os conceitos *vida* ou *liberdade* recebam uma valoração positiva. Por outro lado, pelo mesmo motivo, termos como *morte* e *opressão* recebem uma valoração negativa. Se um termo recebe uma valoração, negativa, ele é disfórico, se a valoração é positiva, o termo é eufórico.

Em uma narrativa, o actante busca possuir aquilo que é considerado positivo, posse que é entendida como um estado de conjunção. Mas pode ocorrer o contrário: o actante pode estabelecer uma disjunção, ou seja, ele perde a posse do termo eufórico e estabelece uma junção com um termo disfórico, sobre o qual há uma valoração negativa. O que podemos representar da seguinte maneira:

| Termo/estado do sujeito | Valoração do termo | Relação do personagem com o estado | Caracterização do termo segundo termos semióticos |
|--------------------------------|---------------------------|---|--|
| Opressão | Negativa | O sujeito busca entrar em disjunção com a opressão | O termo é disfórico, negativo |
| Liberdade | Positiva | O sujeito busca entrar em conjunção com a liberdade | O termo é eufórico, positivo |

O segundo nível do texto é o narrativo, no qual os estados do actante podem ser representados por objetos, concretos ou abstratos. Um objeto que possui uma espécie de poder, ao mesmo tempo em que representa os estados pelos quais os sujeitos transitam na narrativa. Vejamos como esses aspectos se manifestam nos dois enunciados que já apresentamos:

A princesa Isabel libertou os escravos.

Muitos escravos morriam na viagem entre a África e o Brasil.

No primeiro enunciado, os escravos passam do estado de opressão para o de liberdade, graças à atuação da princesa Isabel, a qual opera essa mudança com base em um decreto ou lei. No segundo texto, os escravos morrem pela ação de seus opressores, e os navios negreiros funcionam como objetos usados pelos opressores que levam a morte aos cativos.

Nesse nível, temos ainda uma espécie de descrição de como ocorreu a mudança de estado do actante. Essa mudança de estado, por sua vez, pode ser operada pelo próprio actante principal ou por outro que interage com o primeiro. Nesse caso, devemos entender que a mudança de estado do actante não é casual nem aleatória, mas ocorre por que outro actante entra em cena manipulando o actante principal e determinando os rumos da narrativa.

Retomando a questão dos actantes, estes podem ser divididos em três, conforme os papéis que executam: temos um “destinatário sujeito”, que é uma espécie de herói ou actante principal que executa a ação narrativa; um “destinador manipulador”, que manipula e influencia as ações do “destinatário sujeito”; e o “destinador julgador” que reconhece e sanciona a ação do destinatário sujeito.

As ações desses actantes e a maneira como ocorre a interação entre eles podem ser apreendidas graças à ocorrência do que a semiótica chama de programa narrativo, ou simplesmente PN, que nos permite entender a ação do sujeito inscrito no texto, ação que é estabelecida através de pequenas etapas. O programa narrativo, de maneira geral, é um modelo de sequências de ações que ocorrem em uma narrativa, conforme mostramos a seguir:

1. o actante é manipulado, ou seja, é induzido por um destinador manipulador a fazer algo;
2. o actante, que é o destinatário-sujeito da manipulação, acredita ter o poder de executar uma ação;
3. o destinatário-sujeito executa uma ação;
4. um destinador julgador sanciona a ação do destinatário-sujeito em dois níveis: o cognitivo, reconhecendo que a performance foi executada, e o pragmático, concedendo-lhe uma espécie de premiação ou punição.

O que ilustramos da seguinte maneira:

| PROGRAMA NARRATIVO | manipulação | competência | performance (ação) | sanção |
|---------------------------|------------------------|----------------------|---------------------------|---------------------|
| ACTANTES | destinador manipulador | destinatário-sujeito | destinatário-sujeito | destinador julgador |

Com a sequência narrativa articulada, temos o nível seguinte, aquele que consiste em “dizer” ou enunciar a narrativa, e também de trabalhá-la em temas e figuras. Enunciar uma narrativa consiste em transformá-la em linguagem propriamente dita, transformar-lhe o conteúdo em algo inteligível, e esse algo inteligível é o que podemos chamar de texto. A enunciação, o “dizer”, é um processo feito através de três categorias: pessoa, espaço e tempo.

Uma narrativa pode ser enunciada em 1ª (EU) ou 3ª pessoa (ELE). Se o narrador é em 1ª pessoa o efeito de sentido tende a ser o de subjetividade, se é em 3ª pessoa o efeito tende a ser o de objetividade. Por sua vez, os fatos narrados podem ocorrer no local em que se encontra o narrador ou em um local distante e impreciso. Já o tempo pode ser o passado ou o presente. A combinação entre essas categorias (pessoa, espaço e tempo) pode gerar efeitos de sentido específicos, efeitos que serão melhores percebidos na análise que será feita dos textos selecionados.

Nesse nível do texto, também é importante atentar para as noções de “tema” e de “figura”. Conforme, Fiorin (1999) os temas são termos abstratos, que organizam, classificam, categorizam os elementos do mundo natural (beleza, vergonha, inteligência, vaidoso

etc) e figuras são termos concretos, que possuem um correspondente perceptível no mundo *natural*, quer seja este dado ou construído (árvore, sol, correr, brincar, vermelho, frio etc). Assim, os *temas* remetem a conceitos abstratos, mas que podem ser “recobertos” por figuras, através da figurativização, processo através do qual os temas são trabalhados através de palavras que constroem uma imitação do mundo natural.

Uma vez concluída a exposição do percurso gerativo de sentido podemos apresentar a análise dos textos selecionados. Os dois textos foram registrados na cidade de Itapeperica. Em ambos, temos um relato da abolição da escravatura na versão de um ex-cativo que se coloca como narrador, conforme podemos ler a seguir:

Texto 1

No tempo do cativoiro
Mas quando o senhor me batia
Eu gritava por Nossa Senhora
Ai, como a pancada doía
Mas a princesa era católica
Ela rezava todo dia
O seu pai inventou uma viagem
Ia pegar o barco no rio
E a princesa achou muito bão
É isso mesmo que ela queria
Queria sentar na cadeira
E fazer sua mandaria
No seu bolso tinha caneta
Pra ela escrever o que ela queria
Quando o navio chegou em alto mar
Deu seu apito pra dar sinal
A princesa disse que era hora
Chamou o povo pra ela assinar, a escravidão
Naquela hora ia acabar
Pela cantiga da sereia
Aí balanceou o mar
Os nego saiu de cativo
Não tinha mais conta pra rezar
Nossa Senhora é quem te pague s`a princesa
Porque nós preto não podemos pagar

Texto 2:

No dia treze de maio
Que a assembléia levantou
Levanta a cabeça nego
Que cativoiro já acabou

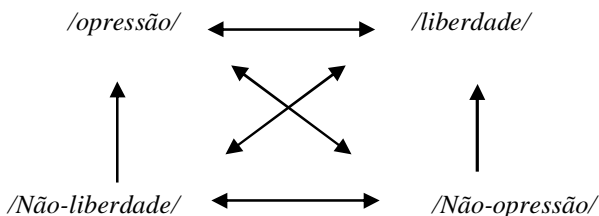
Tu me chama, tu me manda
E eu não sei pra onde eu vou
Que dia treze de maio
Cativoiro já acabou.

Eu era um passarinho
Que voava lá no céu
E de lá de cima via
Oi a princesa Isabel

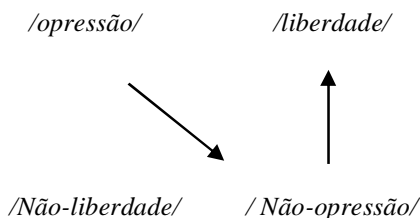
Quando na nuvem apareceu
Apareceu nossa senhora
Foi à princesa e pediu
Pra libertar os filhos seus

No dia treze de maio
Eu amarrado na corrente
Veio princesa Isabel
Nego veio libertou
Foi Nossa Senhora
Que esse nego veio salvou

Os dois textos apresentam a oposição fundamental /*opressão*/ vs /*liberdade*/. A escolha dos termos *opressão* e *liberdade* pode nos oferecer um primeiro exemplo de como o nível fundamental remete a conceitos mais amplos e universais. Na análise dos textos, usamos o termo “*opressão*” ao invés de “*escravidão*” porque aquele tem significado mais amplo que este: toda *escravidão* é uma forma de *opressão*, mas nem toda *opressão* se realiza como *escravidão*. A colocação desses termos no quadrado semiótico é representada da seguinte maneira:



Os negros cativos, de acordo com as duas narrativas, partem do estado de /opressão/, passam pelo estado de /não-opressão/, e chegam ao estado de /liberdade/, da seguinte maneira:



No nível narrativo do texto 1, temos o termo /liberdade/, que é positivo e, portanto, eufórico, é inscrito no objeto *caneta*, já que é através do uso desta que a princesa escreve o decreto da abolição, como ilustramos no fragmento seguinte: “No seu bolso tinha caneta/Pra ela escrever o que ela queria”. Assim, por atuação da princesa Isabel, os cativos entram em conjunção com o termo eufórico /liberdade/ e ao mesmo tempo, em disjunção com o termo disfórico /opressão/.

No que se refere ao programa narrativo do texto 1, os escravos e o sentimento religioso de piedade, atuam como destinadores manipuladores, já que sensibilizam a filha do Imperador levando-a a decretar o fim da escravatura. Nesse caso, a princesa é manipulada a decretar a Abolição por acreditar possui poderes que a autorizam a realizar esse decreto.

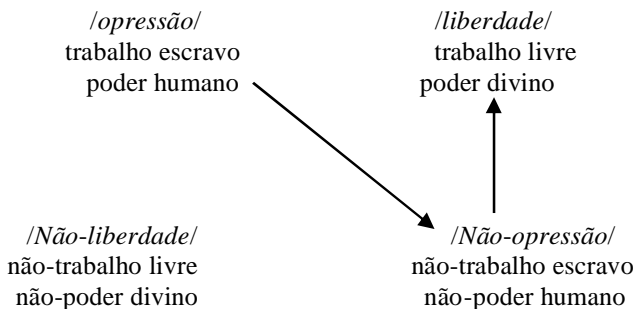
Em seguida, a princesa Isabel realiza a performance de libertar os escravos, mas, curiosamente, a sanção não é dada por estes, já que eles pedem que Nossa Senhora pague pelo feito da princesa: “Nossa Senhora é quem te pague s`a princesa/ Porque nós preto não podemos pagar”. Assim, a sanção dos destinadores julgadores, escravos, ocorre

tanto em nível cognitivo, reconhecimento de que a performance foi bem sucedida, quanto em nível pragmático, através do agradecimento divino que os então ex-cativos pedem que seja dado a princesa.

No nível discursivo, temos a enunciação da narrativa de duas maneiras no texto 1: primeiramente, o narrador se coloca em primeira pessoa narrando fatos passados em um lugar incerto. Desse modo, essa primeira forma de enunciação é ancorada nas categorias EU-LÁ-NAQUELE TEMPO. Já quando o relato passa a descrever a ação da princesa Isabel, as categorias de pessoa, espaço e tempo são preenchidas com os termos ELA-LÁ-ENTÃO, sugerindo que o episódio ocorreu em um tempo e lugar indeterminados, colaborando para dar um sentido de verdade atemporal a narrativa. O uso de expressões como *no tempo do cativo* colabora para situar a ação num tempo ancestral construindo, dessa maneira, uma espécie de mito relacionado à libertação dos escravos.

Quanto aos temas, encontramos o tema do *trabalho escravo*, do *sofrimento físico* do *poder humano* e do *poder divino*. Estes últimos são sugeridos pela intervenção divina de Nossa Senhora do Rosário na performance da Princesa, conforme temos expresso nos trechos: *Eu gritava por Nossa Senhora/ Ai como a pancada doía; Mas a princesa era católica ela rezava todo dia; Nossa Senhora é quem te pague s`a princesa/ Porque nós preto não podemos pagá.*

O tema do *poder divino*, por exemplo, é figurativizado pela santa protetora dos escravos, Nossa Senhora do Rosário, já o do poder humano, pela caneta, “no seu bolso tinha caneta/ pra ela escrever o que ela queria” e pelo trono “ela queria sentar na cadeira/ pra fazer sua mandaria”. O que podemos montar definitivamente no quadrado semiótico da seguinte maneira:



Embora o texto 2 repita a mudança de estado dada pelos termos /opressão/ e /liberdade/, é curioso observar as ocorrências no nível narrativo. Nessa etapa, ao contrário do que ocorre no texto 1, a princesa Isabel decreta a abolição graças a intervenção direta da Virgem Maria. Nesse caso, Nossa Senhora faz o papel de destinador manipulador, que manipula a princesa Isabel levando-a a executar a performance de libertar os negros escravos, conforme temos no fragmento a seguir: “*Apareceu nossa senhora/Foi à princesa e pediu/Pra libertar os filhos seus*”.

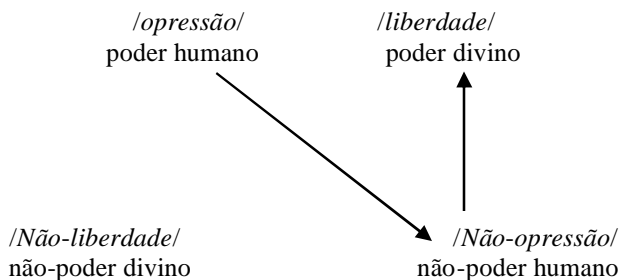
Por sua vez, o termo /liberdade/ não é representado explicitamente por nenhum objeto. A liberdade foi concedida pelo simples pedido de Nossa Senhora. O que nos mostra vestígios da concepção cristã segundo a qual a palavra é criadora e transforma a realidade. Essa passagem nos mostra uma visão sobre o fim do cativo baseado em uma intervenção divina ao invés de uma ação política ou burocrática propriamente dita, como ocorre no texto 1.

No nível enunciativo do texto 2, temos um narrador em 1ª pessoa que se coloca como uma espécie de testemunha do ocorrido, um ex-cativo que testemunha o milagre da aparição da Virgem do Rosário para a princesa Isabel. Esse mesmo narrador localiza o ocorrido em um certo dia 13 de maio, data da abolição, mas não situa essa ocorrência no espaço. O que nos lega uma narrativa subjetiva, mas que, ao mesmo tempo, não deixa de se apresentar como uma verdade oriunda de tempos lendários, o que é dado pelas categorias EU-LÁ-NAQUELE TEMPO.

Ainda no nível enunciativo, temos novamente o tema do *poder humano* e do *poder divino*, sendo que o tema do *poder humano* é figurativizado pela princesa Isabel, que tinha autoridade para manter os negros em cativeiro ou libertá-los. Já o *poder divino* é figurativizado pela Nossa Senhora que interfere e interage com o poder humano da princesa levando a abolição da escravatura e a salvação dos negros.

É notório que essa narrativa, mais simples em relação à primeira, mostra a interação de dois universos e de dois tipos de poder distintos: o humano e o divino se imiscuem em um episódio único que é a libertação dos escravos. Trata-se de uma narrativa na qual a fronteira entre material e o espiritual, entre o humano e o divino é tênue e é justamente essa tenuidade que provoca transformações no

destino dos homens. O que podemos representar no quadrado semiótico da seguinte maneira:



Próximos do fim deste artigo, podemos observar que, nas narrativas mantidas nos grupos de reinado não há alusões ao período de liberdade de que os negros gozavam antes de serem escravizados. Os relatos sempre nos trazem a memória do cativo e a passagem para liberdade. Tal fato nos mostra que a memória identitária dos reinadeiros organiza sua história como que em duas fases distintas: o tempo de cativo e o tempo de liberdade.

Geralmente, o que vemos celebrar-se nas cantigas do reinado não é a reconquista de uma liberdade perdida durante séculos de escravidão. Mas a conquista, primeira e única, de uma liberdade que surge de maneira quase mitológica depois de uma época de escravidão sobre a qual se ignora a origem e o motivo. A escravidão, desse modo, é representada como uma espécie de existência anterior que se perde na origem dos tempos. Vida anterior a que a atuação da Virgem do Rosário e da princesa Isabel põe fim e delegam aos escravos uma existência de liberdade. A liberdade, nesse caso, é representada como uma espécie de nascimento de origem dos cativos dentro de um novo universo no qual a escravidão figura apenas como um traço e memória.

Ao término de nosso trabalho, esperamos demonstrar como a teoria semiótica pode contribuir para o entendimento de algumas das manifestações culturais presentes em nossa sociedade. Por outro lado, manifestações como a do Reinado do Rosário, qualificadas como “patrimônio imaterial” vêm ganhando cada vez mais atenção da sociedade. O que também nos chama a atenção para a necessidade de compreender e, por essa via, auxiliar que tradições como essas continuem presentes na sociedade.

Referências

BERTRAN, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Tradução Grupo CASA. Bauru: Edusc, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. DELTA. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-13, fevereiro de 1999.

FIORIN, José Luiz. Pragmática. In: _____. (Org.). *Introdução a Linguística II*. São Paulo: Contexto, 2003. p.161-81.

GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, Joseph. *Sémiotique: Dictionnaire Raisonné de la Theorie du Langage, Tome I*. Paris: Hachette, 1979.

HERNADES, Hilton. Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do Mundo. In: LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton (Org.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 227-244.

MOÇAMBIQUE DO OLIVÉRIO. Os nego saiu do cativo. In: ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA. *Reinado do Rosário de Itapeçerica-MG: da festa e dos mistérios*. Itapeçerica/Brasília: Fazenda Palestina/Zen Studio, 2004.

MOÇAMBIQUE DO geraldinho. No dia treze de maio. In: ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA. *Reinado do Rosário de Itapeçerica-MG: da festa e dos mistérios*. Itapeçerica/Brasília: Fazenda Palestina/Zen Studio, 2004.

Recebido em 27 de setembro de 2010

Aceito em 25 de março de 2011